

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

SEGUNDA-FEIRA 13 DE OUTUBRO DE 1862.

N. 23

O que esperamos.

A NOBIDADE.

I.

Ainda não perdemos os instintos nobres e generosos que tendem a regenerar-nos. Temos fé, porque somos jovens; cremos, porque nos ensinaram a esperar. O passado representa para nós as prevaricações de uma vida temporanea; preparemo-nos para a luta, e o futuro ha de reabilitar o que temos de mau n'aquelle.

Ha mais vida em nossas aspirações; porque as fortalezas o fogo da mocidade. Não procuram conveniências, e ellas darão o fruto que desejamos. Não se satisfazem que a razão authorisa pelos progressos da sciencia cada um, e deixem-nos trilhar livremente a senda que percorremos. Pregam-nos virtude? Inmettemos-lhes a canonicção. Lançam nos em rosto a desmoralisação das classes libertadas? Queiram o exemplo das suas. Kalle-nos da liberdade que nos conceitu o uso das nossas facilidades intellectuaes, mas não desvirtuam os principios que as fazem subsistir. A epocha não e para elles; se a temem, caem-se, se a não temem, arrostem-na comoso. Sejam a corrente protegidora pelas injurias dos antigos, se foram nos os arrebatados, zombem, riem-se, ou são generosos, como se incumbam. Lastimem-nos, que os podemos imitar, fomos impellidos pela nossa demasiada cegueira. E mais razovel isto que procurar nas BELEZAS de um passado remoto a unica fonte de salvação para essa desgraçada humanidade.

E enbunhamos-nos, gratiam, catesam-se, e... mozem porque não são estudados. Nelles exerceo do passado acompanha os excessos do passado que emobocem. Aviltam o presente por DEVER; o emtem foi-lhes transmittido de século para século. Vede com que não abrem as paginas da historia para notarem as nossas tendencias. Rememoram nos séculos barbaros; queem que sigam-se hoje o que foi destinado a introduzir tanta mádoza quaquile. Associam a tudo a religião, e não distinguem as lutas generosas do christianismo, das lutas apaixonadas de um poder reconduzido, com os caprichos de outro poder que tenta supplantar aquillo. Assada os o encontro de dois reinos, uma dominante, outra invasora; uma enervada pelos vícios mais hediondos, outra forte pelo sangue prático, e enchem-se de coragem e de orgullo quando vem dominar o exclusivismo que não admittre reueres, que suplantam as tendencias rejuenecidas, que subjuga os melhores instintos, que mata, enfim, todas as aspirações!

E nasceram livres; aquietam-se comosco nos dias limitados do sol da liberdade. Corre-lhes nas veias o mesmo sangue ardente da geração resgatada. Não viram o desabar tremendo das instituições

antigas; não soffreram o choque immenso da velhe com a nova sociedade; não lhes emeguetam as faces o fumo da pólvora de cem batallas; não sentiram fome; não os infingim a neve de montanhas inacessíveis; não os alimentam o pão amargo do exilio; nasceram livres; e queiram-se; nasceram livres; e aviltam os que vivem e supportaram tanto!

Queem são os emobocidos?

Queem são os moralisadas?

Kscutasse-lhes a vida a lastimar o passado; cruzam os braços, e associam-se ao presente só para o escarnecer!

Onde está a virtude?

Onde está o vicio?

II.

Não os escuteis. Cansa-se o espirito a repetir as suas proplecias, e não são estas as lidas que nos convém. Conspiram contra o povo que procura emancipar-se pelo trabalho e pela lei, pelo estudo e pela regeneração moral? Kazei-vos fortes com as crengas que possuís, e serão baldados os seus manejos. Não vedes que elles tentam resuzitar o passado com os pretendidos vícios do presente? Afadigam-se para vos embrotar, porque só assim poderão dominar-vos.

Não de instrução, nada de lutas da intelligencia. Venha as lutas, mas as lutas barbaras que fazem dos homens feras; e da destruição uma bandeira. Quanto a raça se houver extinguido, poderão edificar sobre a que vier o monstro social que imaginam. Trabalharm as escondidas, porque temem a luz; vivem nas trevas porque das trevas vem as sans indistigões, e se dádi é que elles poderão dominar seguros.

Não os escuteis, e trabalharm, que n'isso está o segredo de os inutilisar. Não de cansar-se, não de cubrir vencidos, não pela força bruta que os tornou scabros outros, mas pelo progresso moral e material, pela razão e pela justiça. Custa-lhes isto, é verdade; mas rezignem-se, e, se o não puderem fazer, abjorem. Ha espaço immenso para todas as aspirações; se estão gastos pelo continuo embe de das idéas, associam-se á mocidade, que lhe transmittiu parte da seiva que a emobocem. Não ha contie as idéas do exclusivismo; abem os braços atodos que trabalharm para essa regeneração que faz parte da sua fé; experimentar e verem que a temem sempre calumniado.

III.

O sentimento da emancipação das classes, nasceu com os primeiros lampejos da liberdade. O povo acreditou n'ella, porque robustido pelas crengas do catholicismo, via realisar-se pouco a pouco o que está lhe havia prometido. Procuraram fascinar o comas formas que occultavam os erros antigos, mas foi a rube a provação para que a forma prevalecesse. Combatti, especu, e, de vencido que foi, tor-

tom-se vencedor. Baçaram-se-lhe horizontes desconhecidos; ergueu-se a altura que lhe competia, e, senhor ali, não o atemorizou a immensidade. Fitou tranquilo as gerações que substituiu, e compreendeu que a luta não terminara ainda. Preparou-se de novo para combater com a ideia, a idea que por si só valia tanto como os seculos que haviam passado, se conseguiu regenerar-se que o dizem aquelles que voem na independencia da Italia o predomínio da raça Germanica (*). Eram para assustar estas tendencias osias. Ante uma idea que se abate e outra que se levanta, ante os preconceitos desprovidos e a ignorância reconhecida, como não esperar que a nova sociedade procurasse constituir-se pela união das classes, pelo estudo e pelo aperfeiçoamento das condições, pela grandeza moral enfim? O povo pediu instrução — deram-lhe-a, e deram-lhe-a convencidos de que essa arvore gigante, productora sempre mas sempre desprovida, daria melhores e mais abundantes fructos. Foi isto que mais assustou os ultramontanos. Contra semelhante liberalidade protestavam elles ha seculos, e continuaram a protestar. Instruir o povo era actual-o para a luta, era diminuir-lhe a sua grandeza, era tornal-o o leão que desperta necessário pelo inimigo, era, finalmente, tornal-o o unico arbitro da contenda que se preparava! Oh! elles eram previdentes o prophetas; viam o mal e tentavam reprimil-o; viam a tempestade, e procuravam desconjural-a! Os successos posteriores não lhes desmentiram as previsões. Perderam-se, porque assim estava destinado. Os primeiros serão os ultimos, e os ultimos serão os primeiros.

IV.

E a mocidade embalada no berço pelos cantos alegres da liberdade, fortaleceu-se pela crença que lhe haviam inocentado, e aguarda tranquillia a epocha prometida. Enthusiasta, porque a não perturbam as paixões mosquinhas que enervam o espirito, applaud, contente, as manifestações que surgem por toda a parte; e bate-se contra as classes felizes para elevar as trabalhadoras; contra a ignorancia para estabelecer o estado como a base principal de sua felicidade.

Eu te saudô oh mocidade nobre e generosa! eu te saudô com enthusiasmo, porque pertencendo-te e participando das tuas aspirações, curvar me-hei em breve confio ante a bandeira da regeneração social. Eu te saudô oh mocidade! porque, como tu, hei combalido, como tu, tenho crenças e espero, e a mocidade triumphará!

A. X.

(*) Opinião dos prophetas ultramontanos.

Variedades.

UMA CONFISSÃO.

--Padre, dizia uma linda menina ao seu confessor, não me atrevo a fallar!

--Vamos, filha, replicou o servo de Deus; lêste algum livro mão!

--Não, padre.

--Blasphemaste contra o Santo nome de Deus?

--Não, padre, peor.

--Chamaste pelo diabo?

--Não, ainda peor.

Ai, não: nada é isso em comparação...

Riste durante a missa?

--Muito peor.

O padre suava por todos os póros.

--Padre, vou fallar, vou confessar o meu crime, ainda que me custe a vida. Deus me dê forças para poder fallar, mas, pelas chagas de christo, seja indulgente para com esta peccadora:.. E a donzella estava a chorar... Padre, tentou-me o inimigo. Era tão formoso... tinha um olhar tão seductor!

O confessor deu um pulo na cadeira.

--Tão fagueiro, tão carinhoso! dizia a penitente.

O cura já não sabia onde estava.

--Queria-me tanto! continuou ella.

--Todos assim são, murmurou o sacerdote por entre os dentes.

--Uma noite aziaga, tornou ella sem o attender, entrou no meu quarto...

--Mas, mais nada, disse o confessor afflicto.

--Ai, meu padre, aqui começa o meu crime, a minha fraqueza...

--Continuai, disse o cura benzendo-se.

--Aquella noite estava elle mais carinhoso que nunca em acariciar-me, e eu peccadora, triste de mim! succumbi a tentação...

O Padre deu um salto que ia atirando o confessionario por terra.

--Mas, desgraçada, exclamou elle, como é possível que tua familia te não tivesse precavido contra semelhantes peccados?..

--Mas, senhor.... minha mãe nunca me prohibio fazer festas aos gatos.

--A cabará por uma vez! Isto é panno de outra peça... Então foi um gato que entrou no seu quarto?

--Sim, meu padre, um gato formoso, nédio, grande, branco como a neve, que eu roubei a uma vizinha.

--In nomine Patris et Filii et Espiritus Sancti. Ego te absolvo, disse então o confessor limpando o suor.

As moças e os paquetes à vapor.

ENTRADA.

--Mana sabes que hoje entrou o vapor da Corte, e por consequente larga a costura e vamos para a janella.

--Ora, para que? vem tantas *esquisitos* que não valem *apena* os ver.

--Mas sabes que entre elles muitas vezes apparecem alguns *meios ageitados* que podem servir.

SAHIDA.

--D. Figenia, aquelle *mocinho* do oculo, que de manhã passou por aqui e emprimentou-me vai para o sul?

Sei que vai por que ouvi perguntar a um outro, se *nada* queria para lá.

--Coitado! era tão *simpatico*! . .

Ouvi dizer, *Bibi*, que *Lulú* foi pedida em casamento por aquelle hospede que esteve em sua casa; é verdade!

--Talvez, porem posso affiançar-lhe que elle é apenas um pobre *caixeiro*, que foi a coírança e que agora parte para a corte, para a casa de seu patrão.

--Com effeito, aquella *menina* tem muita vontade de casar-se. *Coruja.*

POESIA.

A MINHA ROSA.

1°

Eu tinha uma linda rosa,
A rainha do jardim,
Era tão bella, tão linda,
Tão branca como o marfim,
Gozava de mil venturas
Tinha perfumes sem fim.

Vivia vida amorosa
Pela brisa hafejada,
E do rocio da noite
Era sempre tão beijada!
Ah! que por mim pobre flor
Foste tu disso privada!

E foste rosa querida,
Do jardim meiga rainha
Por mim, ingrato, offertada
A quem teus encantos tinha:
Foi talvez duro o destino
Que te dei meiga florinha.

Mas eu julgava que amores
A virgem pudesse dar,
E d'ella no seio lindo
Fosses venturas gozar,
Que beijos por teus perfumes
Pudesses tu desfructar

Mas, rosa quanto enganei-me!
Ah! talvez que desprezada
Vivas tu, pobre florinha;
Dos jardins forte roubada
E pela a virgem aquem dei-te
Foste cedo abandonada.

Mas virgem qual a razão
De desprezares a flor,
Essa florinha innocento
Emblema de meu amor?
Porque assim me infiltraste
No peito tamanha dôr?

Não julguei ó virgem loura
Que tão cruel condicção
Darias a pobre rosa;
A flor de meu coração
Vol-a assim tão desprezada
Ah! não esperava-o não!

Tavijn.

Declarações.

Como se tenha enterpretado mal a narração do *Pedro e seu amo* publicado no n. pp. relativamente ao facto do *Paraiso* e como alguém alluda aos Srs. Augusto F. da Silva e João A. Moirão e informado pelo autor do mesmo artigo declaramos ápedido desses Srs. que nada se intende com SS. e que nenhuma intenção houve para que tal se suspeitasse.

Talvez *algum* que achando a *manta* pesada quisesse os mimosiar com ella.

Não damos a *corrigenda* da poesia publicada no n. antecedente por ter sahido, publicada ja correcta no *Argos* de hontem 11 do corrente a quem devemos mais esse obsequio.

A decifração do enigma publicado no n. 21 do *Pacajá* é--A linha recta é o mais curto espaço entre dous pontos.

Typographia Catharinense

de Germano Antonio Maria Avelim. Rua Augusta
N. 23.—1862.

▲ ' Sentidissima' morte

791

SEN. JOAQUIM CAETANO DA SILVA.

Brevés dies homines sunt... constituisti terminos ejus, qui praeverti non poterunt.
Joh. Cap. 11 v. 5.

As cadeias da vida se romperam ;
Uma alma pura se partio d'aqui ;
Só resta o corpo innamorado, inerte ;
O espirito o senhor chamou-o a si.

Era um justo, morreu ; durante a vida
Sempre o trilho seguiu da virtude ;
Mas quanto padeceu ! foi-lhe a existencia
Um de dores fataes composto rude.

Oh ! meu Deos, é bem triste nossa sorte
Peregrinar no mundo entre martyrios,
E depois vir a morte arrebatá-nos
Entre dores ainda, em seus delirios !

~~E' bem triste ! mas ah !~~ Senhor, sois sabio
~~Assim vos o quereis,~~ pobres humanos
~~Inclinamos a fronte,~~ não podemos
~~Penetrar vossos intimos arcanos !~~

Era um santo varão aquelle que hoje
Vos chamastes, Senhor, ao vosso seio ;
Praticou sempre o bem, a hora extrema
Vio chegar tranquillo, e sem receio.

De sua alma as mais ternas affeições
Vio uma á uma para o chão prender
Mírradas pelo bafio da desgraça :
Ah ! foi-lhe a vida bem cruel soffrer !

Mas jamais uma queixa se lhe ouviu
Contra o cruel destino que o feria ;
Crente em Deos, seus decretos com respeito
E santa resignação os recebia.

Mór preço do que á vida á honra dava
Ella era o seu thesouro alma e sagrado ;
Pobre velho ! no extremo de seus dias
Bem atro fel lhe estava reservado !

Morreu... santo varão ao céu subio,
Foi do martyrio a palma receber
Choremos nós que cá inda ficamos
Neste mundo tormentos a soffrer.

3 de Outubro 1862.

†